

Audiovector S3 Avantgarde Arreté

Surpresa estonteante.

A estrutura esbelta, curvilínea e elegante é um pequeno reflexo da sonoridade surpreendentemente estonteante que estas colunas têm para oferecer, quase impossível de resistir.

Descrição técnica

Inovação e tecnologia parecem-me ser dois justos atributos na definição deste modelo, para além de um interessante factor de combate à obsolescência e de garantia do investimento. Isto é, dentro de cada série, pode-se começar pelo modelo mais baixo e evoluir, depois, nos componentes, sem qualquer prejuízo, até chegar à configuração do modelo de topo, pagando apenas a diferença entre os modelos respectivos; o conceito dá pelo nome de Individual Upgrade Concept. A lista de modificações incide, essencialmente, nas unidades e nos modelos de *crossovers*. Por falar em conceitos, refira-se o Active Direct Concept, que permite evoluir, também, para soluções com os sistemas activos propostos pela marca.

O novo modelo Avantgarde Arreté representa, actualmente, o culminar da evolução da série S3, e dispõe de todo o desenvolvimento e tecnologias utilizadas no modelo de referência da marca, as Si6. Um dos aspectos principais no desenvolvimento deste modelo prende-se com a conciliação da elegância de formas com a beleza sonora, tirando partido da ausência de painéis paralelos para criar uma sonoridade limpa e musical.

Uma das várias inovações técnicas que a série S apresenta está relacionada com o novo sistema de montagem das unidades, que passou a ter unicamente três pontos de fixação, de modo a otimizar a ligação dos altifalantes com o painel e evitar a transmissão de vibrações nesta interface. Por outro lado, a vantagem de este modelo não ter painéis paralelos, associada ao facto de ter um pórtilco de saída na base, permite-

lhe oferecer uma sonoridade limpa, sem colorações, e uma capacidade sonora muito superior ao que seria admissível numas colunas desta dimensão. Segundo a Audiovector, esta configuração permite uma redução do volume em cerca de 40%; parece-me que esta característica pode representar uma enorme mais-valia, tendo em conta a habitual falta de espaço das nossas salas de audição.

O painel frontal apresenta no topo, gravado num pequeno bloco de alumínio, o logótipo da marca, entrecortado na grelha, a qual é fixada através de quatro pontos magnéticos.

O *tweeter* de fita em acordeão, Avantgarde Ultra, apresenta umas dimensões generosas e umas características excelentes, capazes de oferecer uma resposta até aos 50 kHz!

Outra faceta inovadora que a marca desenvolveu, Soundstage Enhancement Concept, tira partido, precisamente, da elevada quantidade de energia desenvolvida nas altas frequências, canalizando-a para o exterior através de dois pórtilcos gémeos, situados na parte de trás das colunas, de modo a obter uma sensação espacial mais ampla e que permite uma posição de audição menos restrita, relativamente ao denominado ponto ideal de audição, *sweetspot*. Os altifalantes Avantgarde de médias e baixas frequências, com a sua estrutura rígida de magnésio, cones feitos de material compósito à base de carbono e fibra de vidro, sobreposto em três camadas, tipo *sandwich*, *voice coil* de titânio e enormes ímanes de baixa distorção, são o complemento ideal para a reprodução rápida e poderosa que este modelo oferece.



O *crossover* minimalista, com um único componente em série, é outro dos aspectos que concorrem para a minimização das perdas no percurso do sinal. A tecnologia Dynamic Feed Forward, desenvolvida para a construção destes filtros, permite uma redução de cerca de 50%. Aliada à técnica Natural Crystal Structure, que contempla o tratamento criogénico dos fios de cobre até aos -238° C, possibilitando que as moléculas de cobre se reorganizem na sua posição natural de modo a minimizar a resistência eléctrica, faz com que os *crossovers* da Audiovector apresentem um desempenho de excelente nível.

A base das colunas também ostenta um engenhoso processo de amortecimento das vibrações, graças ao acoplamento de uma plataforma em cunha com várias camadas, desenhada de forma a permitir o funcionamento do pórtico *bass-reflex*; a eliminação das vibrações é ainda complementada com o uso de um painel frontal laminar, enquanto a geometria curva das caixas permite uma fraca utilização de amortecimento interno, tornando a sonoridade mais limpa e isenta de colorações. A facilidade de tri-cablagem, proporcionada por três pares de fichas de grande qualidade, permite tirar um maior partido das prestações deste modelo. A Audiovector disponibiliza, ainda, de série neste modelo e opcional para os outros, a tecnologia Audiovector Room Adaptation, que permite ajustar a distorção, através do eco da sala, da resposta das colunas em salas com fracas qualidades acústicas. O único pormenor que me pareceu digno de reparo prende-se com a pequena área de apoio, uma vez que as colunas são relativamente altas.

A gama de frequências das S3 Avantgarde Arreté estende-se de uns impressionantes 27 Hz até aos 52 kHz; a sensibilidade é de 91dB; a impedância nominal é de 8 Ohm; o corte de frequências do *crossover* dá-se aos 460 Hz e 2900 Hz; o peso é de 22 kg e as suas dimensões são: 103×19×33 cm (a×l×p).

Crítica auditiva

Embora este modelo apresente umas dimensões reduzidas, para umas colunas de chão, subentenda-se, o seu transporte e instalação exigem alguns esforços e cuidados; qualquer destas operações deverá ser executada por duas pessoas, de preferência. O seu posicionamento na sala já é outra coisa e não levanta grandes dificuldades.



Como é habitual, nos testes que realizei a colunas de maior porte, comecei por colocá-las na posição das minhas colunas e até consegui bons resultados, para não dizer surpreendentes. A dimensão do palco, a transparência e a focagem foram os primeiros sinais a assinalar o facto de estar em presença de umas colunas de grande classe, de verdadeiro *high-end*. No entanto, não estava a gostar, particularmente, das vozes, que me pareciam algo difusas e com pouca emoção; parecia que estava tudo bem mas não me estavam a «levar». Esse pormenor acabaria por se dissipar, quase drasticamente, com a aproximação das colunas à parede, ficando apenas a 60 cm desta; a distância para as paredes laterais ficou nos 110 cm. Foi como se se tivessem transformado, porque todos os outros aspectos se mantiveram no bom nível já demonstrado e a presença das vozes tornou-se quase palpável, como se tivesse encaixado uma peça em falta para completar um todo cheio de energia e emoção. A voz de Mary Stallings em *Sunny* (CD, Clarity Recordings) foi um bom exemplo desta mudança. Passou de desmaiada – houve momentos em que nem me parecia

ela – para uma voz firme e com grande presença, mesmo que esta gravação a coloque um pouco mais recuada. O saxofone quase se materializou junto à coluna esquerda, com um timbre rico e muito agradável, enquanto o piano soou solto e fluido. Outra das audições em que gostei particularmente do saxofone, com uma sonoridade muito realista, foi *The House of the Rising Sun* (CD, Opus 3, Nº 7706/03). Não foi só este instrumento que me deixou impressionado, foi toda a secção de metais, desde os ferrinhos até aos pratos, que apresentou uma riqueza de timbres muito bem conseguida, culminando com uma percussão definida, tensa e a conseguir um grande impacte. A dimensão generosa do palco sonoro e a focagem precisa completaram a excelente reprodução desta música. Num género bem diferente – *Overture to the Barber of Seville*, de Rossini (CD, Opus 3, Nº 9203) – as S3 Avantgarde Arreté conseguiram impressionar-me pela definição e dimensão do palco sonoro, alcançando uma enorme envolvimento, para além da segurança, transparência e vivacidade da tela musical que experimentei. Uma sonoridade alegre

TESTE Audiovector S3 Avantgarde Arreté



conseguida, em parte, graças à boa reprodução da gama média; nesta música houve apenas uma ligeira quebra no peso dos graves.

Fluidez, presença, musicalidade, alegria e velocidade de resposta foi o que não faltou à reprodução cativante da Sonata N° 3, de Chopin (CD, Opus 3, N° 9202).

No final, o som das cordas do piano a reverberar com grande realismo e a paragem repentina foi um pormenor que me agradou sobremaneira. O *Concert for Double Bass and String Orchestra*, de Lars-Erik Larson (CD, Opus 3, N° 8502), apresentou um contrabaixo muito bem definido, sobressaindo com autoridade e de uma forma airosa do restante corpo das cordas.

Notei uma ligeira falta de peso, bem contrabalançado em vigor, mas gostei imenso da reprodução e foi bem evidente a qualidade da gravação desta obra, tão característica desta editora. Outro bom momento auditivo, se é que não o foram todos, vivi-o com a reprodução de *Adagio*, de Albinoni (CD, Philips), em que foi notória a enorme presença do órgão, embora não tão espreado, e a profundidade do grave, realçando a boa dinâmica destas colunas. Os violinos apresentaram uma sonoridade limpa, extensa e bastante musical, para além de um recorte impressionante.

Quem me conhece sabe que tenho uma fixação na *Symphony N° 3*, de Górecki (CD, Philips), e não podia deixar de ouvi-la, expectante numa reprodução de grande nível, a que estas colunas corresponderam com enorme brio. Gostei da entrada em surdina da orquestra, na qual facilmente se evidenciou a linha melódica dos contrabaixos, embora se perdesse ligeiramente com o crescendo da orquestra. A voz de Joanna Kozłowska foi realista, vigorosa e emotiva, sobressaindo com grande naturalidade do corpo da orquestra, a qual, para além da definição, me surpreendeu pelas dimensões do palco sonoro: largo e profundo; mesmo em altura foi muito bem conseguido.

Se as audições anteriores já me tinham cativado sobremaneira, o que dizer do ataque, da velocidade, da energia e do realismo de *Caesar*, de James Newton Howard & Friends (LP, Sheffield Lab, gravação directa). Todo o disco apresentou uma sonoridade muito vívida e efusiva, bem como uma atmosfera realista e um palco sonoro bem estruturado e firme. A reverberação dos sons a flutuar com um recorte preciso, muito bem captada pela gravação, foi reproduzida e evidenciada por

estas colunas. Por outro lado, *L'Daddy* foi uma torrente de energia pura, com a bateria a conseguir um impacte tremendo, que me deixou sem fôlego. Só para continuar a manter os níveis de adrenalina em alta, passei para a audição de *Tower of Power* (LP, Sheffield Lab), com a sua energia eletrizante. Não me desiludiu, antes pelo contrário, apesar de a gama média se ter evidenciado um pouco mais, comparativamente ao que experimento com as minhas colunas. A transparência destas colunas e a sua enorme velocidade de resposta foram as principais responsáveis por este aspecto.

Por último, com uma gravação menos pretensiosa, a obra de grande valor artístico *Once upon a Time in America* (LP) foi uma verdadeira delícia. A grandiosidade da orquestra, a entrada suave, a facilidade da percepção das várias linhas musicais e a maviosidade com que fluíam agradaram-me sobremaneira pela forma envolvente e cativante, revelando o enorme potencial deste modelo da Audiovector. Estava neste deslumbre quando a flauta de Pan me envolveu com o seu sopro quente e realista, que me cilindrou por completo.

Estas colunas oferecem uma prestação de grande nível e não lhes detectei qualquer aspecto negativo, mas o preço também já não é muito acessível, embora se justifique plenamente. Com este nível de qualidade não me parece que existam soluções mais baratas e só me resta atribuir-lhes uma forte recomendação. Têm uma sonoridade muito limpa e aberta que poderão levantar algumas incompatibilidades com equipamentos complementares demasiado analíticos: o que lhes derem é o que vão apresentar.

Neste teste utilizei o seguinte equipamento: gira-discos Avid com braço SME V Gold e célula Benz Glyder LP; leitor/transporte Proceed PDT3/PDP3; pré/potência Mark Levinson N° 28/N° 23; cabos Black Rhodium (pré/potência), Madrigal CZGel (leitor/transporte), Audio Agile, van den Hull (ambos de corrente) e Siltech (potência/colunas).

Resultados? Surpreendentes!

Preço: 7.400,00 €

Representante: Corpaw Spain

Telefone: +34 986 21 44 14

Internet: www.corpaw.com